

# Transmissão da psicanálise nas redes sociais: horizontes (im)possíveis

334 - agosto de 2023

## Temática

### A formação do analista é instagramável?

Mariana Hollweg Dias

Vivemos um tempo em que os lugares não são mais lindos e interessantes para serem apreciados. Na era da imagem, tampouco é suficiente que desfrutemos da visita e registremos através de vídeos e fotos para guardar como lembrança daquele momento. O mandato na contemporaneidade é que compartilhemos essa experiência nas redes sociais e, de preferência, em tempo real. Logo, a propaganda de um lugar turístico, por exemplo, passa por ser “instagramável”, ou seja, passível de fazer sucesso no *Instagram*. Que o nome da rede social vire adjetivo é, no mínimo, um interessante analisador do laço social contemporâneo.

Esses dias me deparei com um *post* patrocinado no *Instagram* de um psicanalista que me espantou sobremaneira. Para quem não está por dentro, um *post* patrocinado é aquele que o dono da página paga à rede social para aparecer no *feed* ou nos *stories* de mais pessoas na rede, uma maneira de dar maior alcance às suas publicações. Com esse tipo de publicação as pessoas buscam chamar mais usuários à sua página pessoal para, no final das contas, vender algum tipo de produto. No caso de *psis* que estão nas redes de forma profissional, a intenção na maioria das vezes é vender um curso ou mesmo fazer propaganda do seu trabalho clínico numa busca ativa por pacientes.

Nesse ponto já poderiam se abrir várias questões, como por exemplo: é possível vender o nosso “produto”? No caso de cursos e grupos de estudos não parece difícil que nos adequemos à lógica do mercado de compra e venda *online*. Aliás, isso tem nos trazido a possibilidade de encontros muito interessantes. Mas e quanto ao trabalho clínico? Há como uma escuta analítica ser assim ofertada mantendo-se na ética que nos norteia? Isso passa por uma espécie de atualização, para nos mantermos à altura do nosso tempo, ou nos aprisiona de uma maneira questionável nessa lógica do mercado regido agora pelas redes e algoritmos?

Mas volto ao que me espantou. O tal *post* era direcionado àqueles que buscam a formação psicanalítica, com essa pergunta em destaque: “Como está o seu tripé?”. Clicando na pergunta, o “consumidor” é direcionado a um *post* com a propaganda de um “produto” vendido 3 em 1: análise, supervisão e estudo. O combo a seu alcance! O analista daquela página se propunha a resolver um “problema”: vendia tudo isso em suaves parcelas mensais.

Que os mais variados produtos estejam ao alcance de um clique e que o algoritmo nos leve exatamente àquilo que estávamos precisando (contém ironia!), não é novidade alguma. É a lógica do mercado apoiada pelas tecnologias funcionando. Que as mais variadas formas de terapias sejam ofertadas ao público como mais um produto a ser consumido também já está aí há algum tempo. Que os psicanalistas estejam no *Instagram* divulgando seus trabalhos também já vem acontecendo. A surpresa para mim no *post* citado foi uma propaganda direcionada à formação do analista. Recentemente, escutei de um colega que viu outro desses *posts* com um apelo semelhante, algo como: “ajudo você a sustentar o seu tripé!”. O público-alvo é o próprio futuro analista.

As questões envolvendo a formação do analista não perdem a sua importância e é um tema aqui e ali sempre relançado de acordo com os acontecimentos de cada época. Aliás, providencial que assim o seja, afinal, formar analistas a altura do seu tempo, como preconizou Lacan, exige esse constante relançar das questões sob pena de cristalizar práticas e caminhos empobrecedores.

Lembremos que em *Situação da psicanálise e formação do analista*, Lacan (1956) critica o quanto o rigor esperado de uma formação do analista estava sendo tomado como uma rigidez com as regras impostas pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA), resultando em hierarquias e dogmatismos não fundamentados pelos postulados freudianos. Antes mesmo disso, a crise que levou à ruptura na Sociedade Psicanalítica de Paris, em 1953, já estava relacionada com as questões que envolvem a formação do analista e a transmissão da psicanálise. Dessa ruptura surgiu a Sociedade Francesa de Psicanálise. Anos mais tarde, a condição para que essa sociedade fosse aceita na IPA era de que Lacan não fosse didata. Esse acontecimento Lacan nomeou de “excomunhão”, e a partir daí rompeu definitivamente com a IPA e fundou a Escola Freudiana de Paris.

No *Ato de fundação*, Lacan (1964) propõe a escola como um organismo onde se realiza um trabalho. Fala em trabalhadores implicados, que se comprometam com um trabalho por fazer na relação com a psicanálise. Um trabalho que se dá em transferência. No texto *Proposição de 9 de outubro* (1967), declara a célebre frase: “O analista se autoriza desde si mesmo” que está em contraposição ao que vinha sendo feito até então na IPA, já que a autorização precisava ser feita pelo analista didata do candidato a analista.

Propor esse princípio não impede que a escola garanta que um analista dependa da sua formação. Isso parece paradoxal! Mas tem a ver com pensar que o autorizar-se de si mesmo não implica um ato isolado. Anos mais tarde, em 1974, Lacan, inclusive, acrescentará: “o analista se autoriza desde si mesmo e de alguns outros”.

Vemos assim que há uma autorização que se sustenta em sua própria análise e, mais do que isso, no tripé de formação já postulado por Freud (análise, supervisão e estudo teórico) que precisa somar-se a um quarto elo que seria justamente a instituição psicanalítica. A instituição a que o psicanalista busca aproximar-se tem a função de testemunho de sua práxis, impedindo que o analista fique numa posição de “esplêndido isolamento”, como disse Freud, e assim dê provas de que ali “há um analista”. No livro publicado pela APPOA ano passado, *Instituições psicanalíticas: às margens do impossível*, temos artigos riquíssimos que nos mostram justamente a importante implicação para um trabalho em transferência que sustente uma instituição para que assim ela cumpra a sua função.

Faço essa breve passagem pela história da psicanálise, pelo que ela nos interessa nessa reflexão. Não é possível pensar a formação do analista sem pensar na transferência de trabalho. A quem eu endereço um pedido de análise ou de supervisão? Em quem (analistas e/ou instituições) eu suponho um saber para acompanhar meu percurso formativo? Os “alguns outros”, capazes de testemunhar minha autorização como analista, são escolhidos como? Em que pese as importantes discussões acerca da elitização da psicanálise devido ao custo de uma formação, essa escolha não tem como ser feito pelo “pacote-barato-parcelado”, como no referido post, obviamente, sob o risco de a ética virar produto de mercado.

Um percurso formativo pode ter vários formatos: grupos de estudos, cursos, aulas, seminários, cartéis. A questão é que todos esses dispositivos merecem uma implicação, um lado ativo e trabalhoso. Assim, presencial ou *online*, não é de consumidores passivos de conteúdos psicanalíticos que a nossa formação pode se sustentar. Arrisco-me a dizer que com a grande oferta de cursos instagramáveis, e agora também a venda de “tripés”, pode ser difícil para alguns jovens psis que se interessam pela psicanálise construir um percurso eticamente comprometido. Tenho acompanhado alguns que escolhem seus mestres pelo número de seguidores nas redes sociais. Outros que ao formarem-se passam a atender *online* somente, “porque sim”. Sem nenhuma reflexão mais trabalhosa a respeito a não ser os custos de uma sala de atendimento.

Como bem aponta Norton Rosa Jr (2022), em artigo no livro da APPOA, acima citado, o potencial subversivo das associações psicanalíticas – e eu diria, da psicanálise ela mesma – está “relacionado com a sensibilidade em fazer furo nos imperativos de adaptabilidade, competitividade e melhorias de performance, amplamente sustentados pela lógica de mercado e por suas tutelas normativas, alicerçadas na política neoliberal de gestão das massas e produção de segregações”. Sendo assim, respondendo à questão do título deste escrito, porque nem tudo pode ser relativizado: não, a formação do analista não pode ser mais um produto a ser vendido nas redes sociais. E na medida em que parece que isso não está sendo óbvio é preciso que problematizemos essa questão publicamente assim como nas outras tantas vezes ao longo da história, em que houve tentativas de apropriação da psicanálise por lógicas adversas a ela.

#### **Referências bibliográficas:**

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Ato de Fundação. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROSA Jr, Norton. Subversões, renovações, invenções. In: *Instituições psicanalíticas: às margens do impossível*. Porto Alegre: APPOA, 2022.

**Autor:** Mariana Hollweg Dias

Mariana Hollweg Dias é psicanalista - APPOA.